

## **ALPENDRE COMO UM ENTRELUGAR DE RESPIRO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES DE LÍNGUA(GEN)S**

Wilker Ramos-Soares<sup>1</sup>  
Viviane Pires Viana Silvestre<sup>2</sup>

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

*O Alpendre pra mim foi um respiro! Visitar essas memórias, por mais que dolorosas, me auxiliaram no processo de (re)conhecer a minha corporalidade. Saber que todo o medo que eu sentia de falar ou questionar surgiam como resposta, justamente a esse meu percurso educacional, foi/é libertador.*

Alpendreira Louise

*Alpendre* é um espaço simbólico, um espaço de acolhimento que se fez pela presença-pertença, um entrelugar que é dentro, mas também fora, ou vice-versa. Esta é a metáfora que temos construído para a pesquisa de mestrado em desenvolvimento do primeiro autor deste texto, a qual tem como propósito o estudo de uma experiência de formação docente, vivenciada no período de 08 de outubro a 26 de novembro de 2022, que contou com a participação de 7 licenciandas e 6 licenciandos de cursos de Letras de 4 universidades brasileiras. O (i)material desta pesquisa foi co-construído em encontros aos sábados com o cenário de uma Oficina-Colaborativa intitulada “Corporificar: Conversas de Reexistências no Alpendre da Educação Linguística Crítica”, ofertada pelo Laboratório de Mídias Interativas (LIM) do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

<sup>1</sup> Mestrando em Linguagem e Práticas Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás, graduado em Licenciatura em Letras Português/Inglês pela mesma instituição. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Goiás. [w.rsp@outlook.com](mailto:w.rsp@outlook.com).

<sup>2</sup> Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, com estágio de pós-doutoramento pelo mesmo programa. Docente no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, Goiás, Brasil. [viviane.silvestre@ueg.br](mailto:viviane.silvestre@ueg.br).

Resgatando a fala da alpendreira<sup>3</sup> Louise, epígrafe que abre este texto, percebemos que co-construímos naquele lugar um espaço de respiro, de reflexão, de compartilhamento e tomadas de consciência sobre construções de si e da/o outra/o. Corporificar as vivências, reconhecer as feridas e, coletivamente, (re)pensar o que entendíamos por educação, para nós, foi um forte e importante processo de (trans)formação social. Isto posto, este resumo expandido tem como objetivo relatar o alguns dos mo(vi)mentos que temos percebido nesse momento do estudo.

## ALGUMAS REFLEXÕES SENTIPENSADAS

Pensar uma Educação Linguística de forma crítica “implica, antes de tudo, abrir mão de uma das ideias pré-concebidas a respeito de pesquisa”, a neutralidade (RAJAGOPALAN, 2007, p. 15). Ainda em acordo com o autor, a famigerada noção de neutralidade – às vezes imbricada nas noções de ciência – é uma herança do positivismo e do projeto moderno/colonial. Historicamente, isso criou noções de verdade com fortes conotações ideológicas e políticas que validou alguns conhecimentos e deslegitimou outros.

Podemos perceber que essa “tal supremacia do conhecimento científico e a consequente invisibilidade de tantos outros saberes ainda imperam nos dias atuais nas mais diversas áreas do conhecimento” (SILVESTRE, 2017, p. 29). Por isso compreendemos que “a neutralidade é um dispositivo ideológico numa sociedade dividida em opressores e oprimidos”, e que “permanecer neutro equivale a estar do lado [...] dos opressores” (SOUSA SANTOS, 2019, p. 75). Por isso, é necessário, cada vez mais, estudos e pesquisas comprometidas com a quebra da neutralidade para a construção de uma sociedade menos perversa.

Pensar uma Educação Linguística de forma crítica, ao nosso ver, “trata-se de uma proposta audaciosa, transgressiva, desafiadora e, ao mesmo tempo, altamente coerente com as demandas contemporâneas” (SILVESTRE, 2017, p. 30). Por isso, compreendemos que falar de Educação Linguística Crítica é falar de/sobre/com corpo. Em acordo com Michael Rodrigues (2020, p. 84), não nos limitamos a uma concepção de Educação Linguística considerando apenas o ensino de línguas,

---

<sup>3</sup> Chamamos carinhosamente as/os participantes da pesquisa de alpendreiras/os, participantes de um alpendre em devir.

mas também [do] corpo e de sua[s] identidade[s], já que este é construído e constituído na/pela linguagem. Pensar em uma educação do corpo e da representação que ele emana em determinados locais é, também, uma educação linguística. É uma forma de auto(re)conhecimento do sujeito e das significações que podem surgir a partir de suas identific(ações).

Boaventura de Sousa Santos (2009, p. 41) nos provoca para a ideia de que as resistências políticas devem ter como postulado a resistência onto-epistêmica, dado que, do contrário, “ficamos com a ideia de que, a menos que se defronte com uma resistência ativa, o pensamento abissal continuará a se autorreproduzir, por mais excludentes que sejam as práticas que o origina”. Assim, trata-se, então, de uma postura e posicionamento crítico frente às violências e silenciamentos causados por uma racionalidade eurocêntrica.

Com isso, romper com essas noções é assumir nossa responsabilidade de viver com essas estruturas permeadas em nossos corpos/ser e diariamente romper com violências e opressões em nossas ações e posturas, principalmente enquanto educadoras/es ao nos propormos um trabalho crítico e libertador. Precisamos também levar em consideração que “se trata de mais de meio milênio de estabelecimento de um paradigma hegemônico de construção/validação de conhecimentos, que, a despeito de nossos desejos e esforços por mudanças, estão entranhados em nosso ser [...]” (SILVESTRE, 2017, p. 30). Por isso a (auto)crítica e o (auto)questionamento constante é de suma importância. Precisamos assumir as colonialidades presentes em nossas práticas e ações, questioná-las, para então ter condições de romper com posturas que provocam o sofrimento humano e a barbárie.

No que tange os aspectos metodológico do estudo, compreendemos que “metodologia nunca deve ser separada da epistemologia e da ontologia (como se pudesse ser) sob pena de tornar-se mecanizada, instrumental e reduzida a métodos, processos e técnicas” (ST PIERRE, 2018, p. 1046). Sendo assim, para esta pesquisa, caminhamos nas percepções dos estudos pós qualitativos (ST PIERRE, 2018; RIBAS, 2018; BUZATO, 2017), pois acreditamos que eles avançam “quanto à autonomia do pesquisador e ao desenvolvimento de uma perspectiva crítica por parte do mesmo em relação a seu tema e sua investigação considerando o contexto e os atravessamentos sócio identitários que compõem os sujeitos do/no estudo” (MELLO, 2022, p. 11).

Durante a geração do material empírico da pesquisa de mestrado do primeiro autor, nossos objetivos com o estudo mudaram. O caminhar das reflexões que ocorreram nos

encontros aos sábados nos levou para outras rotas e decidimos segui-las. Então, temos girado nosso olhar para a construção desse espaço ‘entre’. “Um “entre-lugar” [...]. Uma passagem que pode... vamos dizer assim, produzir algo antagônico ou conflituoso ou relaxante ou apaziguador (PINTO, 2022, s/p) grifo no original). Um espaço reflexivo e potente que possibilita tomadas de consciências sobre si e sobre a/o outra/o. Um lugar de trânsito, mas também de parada, de pausa e de contemplação.

Por isso, percebemos esse espaço *entre* como também uma “zona de respiro. Para atenuar as emoções, [...] aclimatar o corpo antes de entrar ou sair. [...] O corpo se habitua, se aclimata, se acostuma durante o período que se encontra [ali]” (PINTO, 2022, s/p grifo no original). Pensar esse espaço como construção de afeto(s) é direcionar nossa atenção ao corpo e entender que ao adentrar naquele lugar *entre*

se acostuma a um conjunto de novas situações e estado atmosféricos, psíquicos, biológicos, climáticos que lhe vão acometer no momento em que adentre esse novo espaço [...], o *alpendre* como um lugar de desliza para fora do estado atual. Porque é um constante entrar e sair físico e emocional. Uma zona que propulsiona o corpo para além do atual estado de espírito. Porque claramente estamos falando de um lugar de trânsito de um corpo e do que existe de afetivo dele (PINTO, 2022, s/p, grifo nosso).

Corporificar esse *alpendre* nos permite o perceber como um lugar de passagem que estabelece uma graduação marcada entre o espaço interior e exterior de uma casa, um ponto transitório de reflexão e deslocamentos. Então, mergulhar nessa metáfora é um convite para perceber a estrutura desse *alpendre* tanto nas noções arquitetônicas, como corporais. Com isso, temos feito o movimento de sentipensar o lugar onto-epistêmico deste *alpendre* na/da academia – que é simbólico, subjetivo e potente – para se pensar a formação de professoras/es de línguas e uma educação linguística *Outra*.

## CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Arriscamo-nos a dizer que o *alpendre* foi um espaço de fuga das visões pré-estabelecidas do que seria um espaço de formação, de educação. Pensar o lugar onto-epistêmico deste *alpendre* na/da academia me leva a perceber como vivenciar uma *ecologia de saberes* (SOUSA SANTOS, 2011) sendo coconstruído a partir das possibilidades de

*espaços de fala* (SILVESTRE, 2017). Ao horizontalizar as discussões, decisões e construções, criamos ali um espaço potente de co(res)significações de si e da/o outra/o.

Problematizar e refletir sobre o ‘dentro’ e ‘fora’ nos fez perceber que o *alpendre* na verdade está em um espaço ‘entre’. Um entre lugar de ‘escuta’ e ‘fala’, em que se tornou um espaço de muito(s) afeto(s). E percebemos que o nosso corporificar se deu na entrega, no deixar-nos ir, deixar-nos levar e, coletivamente, (re)pensar o mundo por pontos de vista e visões diferentes. Por isso pra nós esse é um forte e importante processo de (trans)formação social!

## REFERÊNCIAS

BUZATO, Marcelo El Khouri. Por um enfoque pós-social fundamentado na Teoria Ator-Rede para os novos letramentos e para a inclusão digital. **Linguagem & Ensino**, v. 17, n. 1, p. 25-60, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15338>>. Acesso em 14 mar. de 2022.

MELLO, Carlos Matheus da Silva. **Entre a pele e a casca dura: uma leitura da graphic novel ‘Jeremias - Pele’ a partir dos letramentos antirracistas**. 2021. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) – Câmpus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas - Nelson de Abreu Júnior, UEG, Anápolis, 2021.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma linguística crítica. **Línguas & Letras**, v. 8 n. 14, p. 13-20, 2007

RIBAS, Mario Marcio Godoy. Em busca de uma concepção pós-humanista de gênero: relações com espaço e agência compartilhada. In: LIMA-LOPES, R. E. DE; BUZATO, M. E. K. (Eds.). **Gênero Reloading**. Campinas, SP: Potes Editores, 2018, p. 43-65.

RODRIGUES, Michael Douglas. **Praxiologias de educação linguística crítica em um cursinho popular: uma autoetnografia docente**. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2020.

SOUSA SANTOS, Boaventura. A Encruzilhada da Universidade Europeia, **Revista do SNESup**, p. 1-8, 2011.

SILVESTRE, Viviane Pires Viana. **Colaboração e crítica na formação de professores/as de línguas: teorizações construídas em uma experiência com o PIBID**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.